

REMATE DE MALES

nº 11

Revista do Departamento de Teoria Literária

Número organizado por Francisco Foot Hardman

**UNICAMP
Campinas
1991**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor: Carlos Vogt

Vice-Reitor: José Martins Filho

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Diretor: Rodolfo Ilari

SETOR DE PUBLICAÇÕES

Coordenador: João Wanderley Geraldi

Composição: Esmeraldo Santos/Luís Santos

Capa: J.A. Duek/Jussara M. Quadros

Arte Final: J.A. Duek

Revisão Técnica e Auxílio de Pesquisa: Patrícia S. Cardoso

**DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

RE M A T E D E M A L E S Nº 11

**CORRESPONDÊNCIA: UNICAMP/Instituto de Estudos da Linguagem
Setor de Publicações
Caixa Postal 6045
13.081 - CAMPINAS - SP - BRASIL**

PEDE-SE PERMUTA

O título da revista reproduz os tipos usados no ante-rosto da edição original da obra deste nome de Mário de Andrade. (São Paulo, 1930).

SUMÁRIO

FRANCISCO FOOT HARDMAN	
Introdução: Um Historiógrafo da Vida Literária.	7
ANTONIO ALCIR BERNÁRDEZ PÉCORA	
Prefácio: Pontos na Agenda do Seminário Brito Broca.	11
CARTAZ/Programa do Seminário (Fac-Símile)	
PARTE I - SEMINÁRIO	
FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA	
Brito Broca e a Vida Literária no Brasil (1903-1961).	17
BERTA WALDMAN	
Brito Broca e Alexandre Eulalio: Dois Viajantes.	21
HOMERO SENNA	
Brito Broca e Alexandre Eulálio: Afinidades Eletivas.	27
ANTONIO ARNONI PRADO	
Sobre Injustiças de um Revoltado (Brito Broca).	31
JOHN GLEDSON	
Brito Broca e Machado de Assis -- Algumas Notas.	39
HAQUIRA OSAKABE	
O Mapa Literário de Brito Broca.	43
SUZI FRANKL SPERBER	
Vida Literária.	47
VILMA ARÊAS	
Em Tom Menor.	57
SILVIANO SANTIAGO	
Lenha na Fogueira (Leituras em francês de Brito Broca).	61
DAVI ARRIGUCCI JR.	
Conversa Entre Fantasmas (Brito Broca e os Americanos).	67

FRANCISCO FOOT HARDMAN	
Brito Broca, Arqueólogo: A Dignidade do Detalhe.	73
ORNA MESSER	
Brito Broca e João do Rio.	83
FLORA SÜSSEKIND	
Brito Broca e o Tema da Volta à Casa no Romantismo.	89
RAQUEL TEIXEIRA VALENÇA	
O "Quando Havia Província" de Brito Broca.	103
INTERMEZZO	
J.B. BROCA	
A Sociedade.	109
PARTE II - AFINIDADES ELETIVAS	
ALEXANDRE EULALIO	
Brito.	113
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE	
Ameno Companheiro.	115
OTTO MARIA CARPEAUX	
O Amigo Perdido.	117
FAUSTO CUNHA	
Alceste.	119
CARLOS HEITOR CONY	
Da Morte de Brito Broca.	123
ALPHONSUS DE GUIMARÃES FILHO	
A Brito Broca, Morto.	125
PAULO RÓNAI	
O Mundo Visto de Guaratingueta.	127
FRANCISCO ALVIM	
Um Literato, Felizmente.	131
ESTUDO BIO-BIBLIOGRÁFICO (HOMERO SENNA).	133

INTRODUÇÃO: UM HISTORIÓGRAFO DA VIDA LITERÁRIA

FRANCISCO FOOT HARDMAN

José Brito Broca (Guaratinguetá, SP, 1903 - Rio de Janeiro, 1961) está entre os maiores críticos literários e historiadores culturais deste século no Brasil. A opinião é comum a escritores e intelectuais de peso de sua própria geração, como Carlos Drummond de Andrade, Otto Maria Carpeaux, Olímpio de Souza Andrade, Fausto Cunha, Homero Senna e Francisco de Assis Barbosa, e entre críticos mais contemporâneos, como Antonio Candido, Alfredo Bosi, Alexandre Eulálio, e Silvano Santiago. A morte brusca em atropelamento, no Rio, na madrugada de 20 de agosto de 1961, interrompeu um trabalho em plena vitalidade, responsável, desde o final dos anos 20, pela produção de cerca de 1000 crônicas e artigos de crítica na imprensa, pequena parte dela reunida em cinco livros, dois deles póstumos (**Americanos**, 1944; **Horas de Leitura**, 1957; **Machado de Assis e a Política e Outros Estudos**, 1957; **Pontos de Referência**, 1962; **Letras Francesas**, 1966), além de várias traduções literárias. A maior parte de sua obra editada, no entanto, circulou restritamente, com exceção do ensaio clássico **A Vida Literária no Brasil - 1900**, referência obrigatória para qualquer estudo do chamado pré-modernismo, cuja segunda edição, em 1960, pela José Olympio, passou a integrar a coleção "Documentos Brasileiros".

Após seu desaparecimento, a mesma José Olympio publicou, em 1968, suas **Memórias**, a partir de manuscrito e artigos coligidos por Francisco de Assis Barbosa. Entre os guardiães do acervo pessoal de Brito Broca, incluindo-se recortes de textos saídos na imprensa, originais manuscritos e datilografados, roteiros para a organização de novos volumes relativos a outros períodos da série histórico-cultural concebida em torno do conceito de "vida literária", destacou-se, desde logo, o amigo mais moço e, em algum sentido, discípulo Alexandre Eulálio (1932-1988), que projetou, com critério científico e desvelo artesanal, coleção abrangente de seus escritos, sob forma de **Obras Reunidas** em 16 volumes, a partir de roteiro esboçado pelo próprio Autor.

Este projeto, que fazia justiça à originalidade de estilo, à argúcia do pen-

samento e à delicadeza da prosa de Brito Broca, acabou tendo início através da Editora Polis, de São Paulo, em convênio com o Instituto Nacional do Livro. Entre 1979 e 1983 foram editados três títulos dessas **Obras Reunidas**, respectivamente: **Românticos, Pré-Românticos, Ultra-Românticos: Vida Literária e Romantismo Brasileiro** (1979); **Ensaio da Mão Canhestra** (1981); **Machado de Assis e a Política** (1ª e 2ª séries, 1983). Além dos sabidos problemas editoriais-financeiros que dificultam programa de cunho historiográfico-literário especializado como este, a morte prematura de Alexandre Eulálio, em 1988, veio retardar ainda mais esse roteiro de publicações decisivo para a historiografia cultural do Brasil.

Em 1989, o Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE), ao incorporar junto à família todo o arquivo e biblioteca de nosso ex-colega, recuperou, igualmente, as pastas que continham os materiais da Coleção Brito Broca. Iniciou-se trabalho criterioso de preparação de um índice analítico, de acordo com as anotações deixadas pelo próprio Autor e, depois, seguidas e/ou trabalhadas por Alexandre Eulálio. No ano passado, o CEDAE, sob nossa coordenação, conseguiu reencetar o projeto das **Obras Reunidas**, intermediando acordo entre as editoras Polis e UNICAMP para a publicação, ocorrida finalmente em agosto/91, de **Papéis de Alceste**, volume que reúne crônicas no jornal *A Gazeta* sob este pseudônimo, e que há anos já estavam compostas aguardando oportunidade editorial. E, também, para a edição de **Naturalistas, Parnasianos e Decadistas: Vida Literária - do Realismo ao Pré-Modernismo**, volume organizado por Luiz Dantas e que está saindo agora pela UNICAMP. Ao mesmo tempo, é de prever que, ao longo dos próximos 4 ou 5 anos a Editora da UNICAMP, que assumiu a continuidade do projeto, conclua a publicação dos títulos restantes.

É dentro desse contexto de recuperação documental, de revalorizar produções injustamente esquecidas no panorama histórico-literário da cultura brasileira, que se inseriu o plano do **Seminário Brito Broca: Vida Literária & História Cultural**, realizado de 19 a 21 de Agosto passado em Campinas, no IEL/UNICAMP, quando se deu a passagem dos 30 anos da morte de Brito Broca. Mais do que uma reavaliação crítica, sua obra, em grande parte inédita, está a merecer uma leitura que se abra àquela escrita luminosa, que se disponha a essa sabedoria nada afetada, nascida do amor duradouro pelos livros; que compreenda, enfim, os segredos desdobrados dessa incrível multiplicidade temática, sempre veloz e atenta. Leitor contumaz e cosmopolita, Brito Broca conserva, ao mesmo tempo, o gosto pelos pormenores da província, pelos pequenos episódios de um memorialismo desinteressado, que resulta num estilo engenhoso entre a erudição livresca e a crônica do ínfimo. Olímpio de Souza Andrade resumiu muito bem essa tendência, ao escrever, em 1975, que o autor de **Pontos de Referência** esteve "melhor armado, por certo, da volúpia do fato literário que do instrumental crítico moderno, porém nunca errando na descoberta do pormenor significativo."

O conjunto de textos que compõe este número 11 de **Remate de Males** re-

sulta, em grande parte, de material produzido e/ou coletado em torno do Seminário (cf. Programa em anexo). Na primeira parte, agrupamos os textos que nos foram entregues por 14 dentre os 17 expositores efetivos, na sequência das próprias mesas-redondas e seções temáticas ocorridas. A inclusão de uma crônica da juventude de Brito Broca no *intermezzo* dá conta de um estilo em formação e de sua mordacidade com respeito ao clã dos Rodrigues Alves, um dos pilares da dominação oligárquica em Guaratinguetá e na República Velha. Até mesmo nessa crítica política de província, o andamento é literário e o pano de fundo é a vida literária universal. A última seção tentou recuperar alguns dos depoimentos e crônicas que circunscreveram amizades literárias em torno da memória sobre as viagens meteóricas de Brito Broca por bibliotecas infindas, no contexto da cultura brasileira dos anos 1930-1960. Afinidades que são geracionais, de um lado, e poéticas em sentido amplo, de outro: Francisco Alvim, que participou do Seminário, impossibilitado de transcrever suas falas, autorizou-nos a reincorporar resenha que, de todo modo, entra no espírito evocativo dessa parte.

Agradecimentos especiais devem ser registrados a Francisco de Assis Barbosa (*in memoriam*), que honrou o Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP com uma de suas últimas intervenções públicas, acompanhada de texto sábio e singelo, à altura de seu conterrâneo e amigo Brito Broca; a Homero Senna, que nos brindou com várias referências histórico-literárias importantes, entre elas um estudo bio-bibliográfico de sua autoria sobre o escritor em pauta, que encerra esta revista, e a preciosa crônica de Drummond, muito citada mas algo perdida; a Fausto Cunha, que impossibilitado de comparecer ao Seminário, enviou-nos cartas amáveis e permitiu a incorporação de seu artigo na sessão final. A FAPESP e o FAEP da PRP/UNICAMP foram as agências que deram suporte financeiro à realização do evento e à produção desta revista. A todos os participantes nossa gratidão pelo profissionalismo e competência demonstrados no Seminário, inclusive pela presteza na elaboração dos textos. John Gledson, da Universidade de Liverpool, que estava no IEL como professor-visitante neste semestre, convidado “na fogueira” para integrar uma das mesas do Seminário, comparece com exposição e texto brilhantes, solidarizando-se e valorizando sobremaneira os debates. Todos os funcionários do IEL/UNICAMP contribuíram, nos diversos setores, para a efetivação do Seminário e a edição deste volume. Menção particular deve ser feita aos esforços de Vera Aggio, na época assistente técnica da Direção, e Margareth Santini, secretária da coordenação do CEDAE, que viabilizaram a organização material do Seminário. Rodolfo Ilari, Diretor do IEL, forneceu todo o apoio acadêmico necessário. As pós-graduandas do programa de teoria literária

do IEL Patrícia Cardoso (revisão técnica e auxílio de pesquisa para a edição da revista) e Jussara Quadros (projeto gráfico do cartaz e programa do Seminário, que inspirou a capa deste número) colaboraram de forma decisiva. Deve-se mencionar, finalmente, o amplo respaldo recebido do Museu Frei Galvão, de Guaratinguetá, que possui, também, um acervo Brito Broca. Através de sua diretora, a arquivista Thereza de Camargo Maia, e da professora Beatriz Rangel, pudemos ter acesso a vários documentos valiosos, inclusive para a composição desta revista, iniciando-se, assim, intercâmbio produtivo de fontes que terá seguimento.

Dentre os objetivos do Seminário e, portanto, destas páginas, está o de esclarecer os possíveis sentidos da noção de "vida literária", tantas vezes privilegiada por Brito Broca, em suas relações indissociáveis com a perspectiva da literatura geral e comparada e com o tratamento enfático da história literária não como série à parte, mas como capítulo organicamente articulado da história da sociedade e da cultura. Nesse sentido, a revisita aos vários romantismos, pré-modernismos, modernismos e anti-modernismos lidos e anotados por Brito Broca, se não chega a fornecer fórmulas de fácil esquematização didática, nem modelos de enquadramento teórico globalizante, dá pistas interessantíssimas tanto ao crítico contemporâneo quanto ao pesquisador historiográfico, justamente por estarem menos atadas a escolas fixas, balizas pré-datadas ou movimentos codificados em manuais. Simplesmente por se valerem do que de mais precioso deve dispor o verdadeiro humanista: um horizonte amplo e não pré-concebido de leituras; uma obsessão pela escrita como registro primordial do mundo.

Campinas, dezembro/1991